



## VOZES DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL, CAMPO GRANDE, MS<sup>1</sup>

Flávio Pezzi<sup>2</sup>  
Cristiane Pereira Lima<sup>3</sup>  
Léia Teixeira Lacerda<sup>4</sup>

**Resumo:** este artigo busca mapear as disputas e as relações de poder veiculadas nas instituições escolares a partir do registro de memórias de 02 professores/as que atuam na rede pública de ensino em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, Brasil. A análise do *corpus* produzido se fundamenta nas contribuições da teoria foucaultiana e evidencia que escola ainda enfrenta o desafio de incorporar os conteúdos de história das culturas afro-brasileiras e indígenas na matriz curricular, a fim de problematizá-las de forma adequada, levando a comunidade escolar reconhecer que há hierarquias de poder que constituem as relações de alteridades vividas ao longo do processo de escolarização de crianças e adolescentes.

**Palavras-chave:** Professores/as; Educação Básica; Discriminação; Preconceito; Étnico-racial.

### INTRODUÇÃO

Este texto foi produzido como requisito para a conclusão da disciplina: Educação e relações étnico-raciais no Brasil, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação, na Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2017. Elegeu como tema o registro de memórias sobre a construção da identidade étnico-racial de 02 professores/as que atuam na educação básica em instituições escolares públicas em Campo Grande, a fim de mapear as disputas e as relações de poder veiculadas nestas instituições.

---

<sup>1</sup> Texto com alterações do original publicado na coletânea: LACERDA, Léia Teixeira; CATANANTE, Bartolina Ramalho; LIMA, Cristiane Pereira. (Orgs.). Diálogos sobre identidade étnico-racial, gênero e sexualidade: caminhos para a transformação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 99-119p.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação, da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Professor efetivo da Rede Pública de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul. E-mail: flpezzi@gmail.com

<sup>3</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação, da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Discente do Programa de Pós-Graduação do Doutorado da Universidade Católica. Bolsista Capes. Professora da Rede Pública de Campo Grande. E-mail: crissincera16@hotmail.com

<sup>4</sup> Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado Profissional em Educação, da Unidade Universitária de Campo Grande Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: leia@uems.br - Bolsista PQ Fundect-CNPq.



Para tanto, realizamos as entrevistas que foram gravadas em áudio, orientadas por um roteiro e posteriormente transcritas. Para preservar a identidade dos/as colaboradores/as identificamos esses sujeitos, por meio das siglas EGF e HNC.

Assim, as narrativas que oportunizaram as reflexões foram produzidas junto aos/as professores/as por meio de um roteiro de perguntas, vinculadas aos objetivos do trabalho definidos pelas professoras responsáveis pela disciplina. Esse roteiro foi composto por questões que buscam aprofundar a compreensão sobre a temática investigada.

Os encontros com os/as entrevistados/as, por sua vez, foram realizados individualmente, em local e horário agendados previamente com eles. As entrevistas foram gravadas em áudio mediante a aprovação dos/as colaboradores/as a partir da leitura e assinatura de termos de esclarecimento e autorização, conforme as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS. Os dados foram submetidos à análise, fundamentados nas contribuições de Abramovicz *et. al.* (2002) e Foucault (2004; 2015).

Desse modo, adotamos o conceito de identidade na perspectiva de Abramovicz *et. al.* (2006, p. 54), para quem o termo:

[...] Não é só algo que me identifica ou que se aproxima do que seja “eu mesmo”, mas sim é uma construção, uma produção de “mim mesmo”, diferindo-se: aquilo que eu sou é construído diferindo-me daquilo que sou; portanto, a identidade não é uma clausura de essência e de homogeneidade, mas um processo intenso de forças a se diferirem.

Assim, para compreender como as vivências e/ou a ordem discursiva que reproduzem relações de poder e podem interferir direta e indiretamente na atuação dos/as professores/as, descrevemos abaixo suas vozes registradas nas entrevistas e apresentamos uma análise parcial dos dados.

## **MEMÓRIAS DA PROFESSORA EGF**

Chegamos à casa da entrevistada, de vinte anos, às 16h30min. no dia 19 de agosto de 2017, fomos convidados por EGF a nos acomodar em uma sala, momento que



nos apresentamos e conversamos inicialmente sobre os objetivos da pesquisa, sua motivação e, também fizemos a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido. A Profa. EGF aceitou conceder a entrevista que teve duração aproximada de 45 minutos.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninas e meninos?

EGF brincadeira de bolita... brincadeira de bete esconde-esconde... passar anel brincava de roda... eram muitas brincadeiras naquela época... brincava com menino menina... era muita molecada onde a gente morava... morava na Cohab... pensa numa Cohab que não tem muro... tinha molecada pra tudo quanto é buraco rapaz do céu

E tinha alguma segregação pela cor?

EGF não... com a molecada a criança lá não... porque quem morava em Cohab eram negros eram pobres.

E do que você mais gostava de brincar com os meninos e as meninas?

EGF nessa época eu gostava de brincar mais quando não tinha que correr... era de bete passar anel... meu vô gostava de contar estória pra nós... então nós sentava fazia uma roda e contava até umas horas... e juntava uma molecada e ele contava cada história mentirosa ((risos)) a gente acreditava... eu tinha medo era do escuro... nós saíamos correndo no quintal dos outros ((risos))

E o que essas brincadeiras representavam para você?... algumas dessas brincadeiras constrangeram ou não?

EGF não nas brincadeiras não... na escola... na escola eu me sentia constrangida... lá só quem apresentava era os loirinhos branquinhos bonitinhos... no aniversário da cidade nos carros alegóricos... a gente gostaria de subir em algum... só que a gente não ia ficava lá no terceiro quarto escalão ((risos))

E na escola então era diferente da rua?

EGF sim... tinha porque quem morava no meu bairro na Cohab... era pobre que morava lá... era negro mulato não tinha essas loirinha loirinho... quem morava lá eram os marginalizados... como na cidade pequena não tinha escola particular... todo mundo estudava numa escola só... era assim... tinha o grupo que tinha ensino fundamental e o ginásio... que tinha o ensino médio... por a gente estudar na mesma escola... todo povo da cidade estudava lá... todo mundo tava lá... só que havia diferença né... ah meu pai é dentista... minha mãe é professora... a minha mãe era cozinheira do hospital tá entendendo?... meu pai era frentista... tinha o dono do posto... a filha dele estudava na minha sala... já era muita diferença... o meu irmão inclusive sofria muito preconceito... ele gostava de jogar bola e o povo chamava ele de saci... ah eu descia o porrete na molecada... não deixava não vixe minha nossa... Deus do céu ((risos)) rapaz... eu saía lá fora e falava assim... e falava quem que é saci?... que eu virava um trem ((risos))

E que tipo de educação você recebeu dos seus pais em relação à sua identidade?

EGF eles não falavam nada não... meu pai minha mãe não tinha isso... eles achava normal porque na época deles era até pior né... ou seja eles achavam que você é que tem que se sobressair né... quando eles chamavam meu irmão de pretinho sacizinho de um pé só eles falavam... deixa não liga não isso aí não vai te atingir... então eles não tinham essa visão de hoje... a gente tem nós temos... mas eles não tinham esse pensamento não

E você recebeu alguma orientação antes do namoro e da preparação para o casamento sobre com quem se relacionar?... quem a ofereceu e como foi feita essa orientação?

EGF sim... meus pais eram muito rígidos... que nem um pai quer que o filho case com qualquer um né... inclusive minha irmã era namorada para danar meu pai até batia nela... a



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



gente tava lembrando outro dia das pataquada... meu pai não queria que a gente relacionasse com qualquer pessoa... só não tinha questão social... se era negro se era branco... isso não tinha nada disso não... era mais questão moral né... tinha que ser trabalhador pessoa idônea... não era questão de raça nada disso... ele não tinha nenhuma preocupação quanto a isso

E conte-nos como era o relacionamento entre os homens e mulheres nas relações sociais?

EGF esse convívio aí nessa época... ele era tudo misturado... é... depois na adolescência foi separando né... uns mudaram para outra cidade e outros começaram a trabalhar... eu também comecei a trabalhar muito nova... comecei a trabalhar com 14 anos... trabalhava de dia à noite estudava... então aí foi acabando essa parte de relacionamento de amigos e colegas... foram separando todos os grupos... mas esse relacionamento afetivo assim... eu tive dois namorados... meus pais eram chatos... para eles você não tinha que ficar namorando... eles eram muito rígidos... tanto é que eu tive dois namorados... primeiro namorado não deu certo... nosso namoro não deu certo por questão de gênio... que ele era muito genioso e eu queria estudar e aí com o tempo... com os estudos minha faculdade eu também comecei a morar fora... em outra cidade... aí apareceu o Valdecir com uma motinha velha... aí nós nos conhecemos... namoro rápido namoramos uns 9 meses... eu estudava em Marília... cursando meu curso superior e ele em Penápolis... também no curso superior dele... quando completou 10 meses nós casamos aí fomos morar em Penápolis... na minha faculdade também teve muita questão de racismo sim... você conhece as pessoas que te aceitam né... e você conhece as pessoas que não te aceitam... quando eu era mocinha eu fiz uma prova... porque na usina lá tem que fazer uma prova... e eu fui com uma outra fazer essa prova e eu fui melhor do que a outra... e a outra foi contratada e eu não porque a outra era bonita branca... já eu era raquítica com as pernas tudo cinzenta descabelada... e ali eu vi o preconceito sabe... nítido... senti na pele aquele preconceito... até a pessoa que avaliou nós lá era conhecido meu... era da minha igreja... hoje ele já faleceu já... mas até hoje eu falo para o Valdecir... ele não me contratou porque eu era negra... nós duas fizemos a mesma prova... nos duas fazíamos contabilidade... ela foi contratada e ou não... e eu trabalhava na firma sabe?... só que eu trabalhava na limpeza eu já trabalhava na firma... assim como eu trabalhava na firma... a firma bancava uma porcentagem dos meus estudos sabe?... só que ela não trabalhava na firma e eu já trabalhava... e eu fui melhor que ela na prova... eu fiquei sabendo porque eu perguntei para ela como é que ela foi... aí perguntei... por quê?... e qual foi a alegação?... a alegação foi que eu já trabalhava e ela estava desempregada... só que aí eu vi o preconceito né... era para mudar de cargo... só que o chefe contratou ela e não me contratou alegando que eu já era empregada da firma... só que eu achei que foi injusto... ah então que me promovesse ou colocasse ela no meu lugar sabe?... então que me passasse para lá... ela trabalhasse no meu lugar

E como é ou foi a convivência entre homens e mulheres... entre diferentes grupos étnicos na família e na sua atuação profissional?... sentiu alguma discriminação?

EGF bom... hoje não porque hoje é concurso... de todo jeito todo mundo tem que aceitar mesmo se ela não quer aceitar... ela vai aceitar porque é um concurso... então quando eu cheguei aqui em Campo Grande... eu fui bem aceita nas escolas em que assumi e quando eu assumi o concurso eu tava grávida né... tive que entrar na justiça porque eu estava grávida... aí eu tinha o direito de ficar de licença... porque eu ganhei a Maria Luiza no dia da posse... aí não tinha lei que amparasse nesse caso... não tinha direito... aí eu tive que entrar na justiça... teve os trâmite nas escolas que eu cheguei com a documentação porque foi o Pedro Kemp quem deu a documentação para eu entrar em exercício e automaticamente já sair de licença... aí eu cheguei contei minha história tal né... contei minha história no José Maria... fui bem recebida e aí já montaram o meu processo lá para entrar imediatamente de licença... fui trabalhar no Artur de Vasconcelos também fui bem recebida... às vezes você vê um pouco de preconceito... de preconceito nos alunos... mas tudo não é culpa deles mais por culpa dos pais né... na questão do profissionalismo pelo menos não é clara né... algumas falas na sala dos professores... porque os professores falam muita coisa né... que eu acho que é voltado pro racismo né... quando falam alguma coisa relacionada ao negro... aí acontece um episódio de assassinato envolvendo negro... ah cê viu?... ele é negro... cê pega bem nessas falas... a gente sabe que não é só negro que mata que rouba... aí muita das vezes eu entro nessas histórias... pois então os negros estão à margem



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



da sociedade... que muita das vezes vai cair na marginalidade porque não tiveram oportunidade... você vai atrás de uma oportunidade não consegue... sabe de uma coisa?... cansei de fazer isso... então a pessoa já tem né uma tendência

E        você costuma discutir isso com seus alunos?

EGF     com meus alunos eu discuto bastante... inclusive esses dias tive uma conversa lá no nono ano... eu falei para o aluno sobre essas questões e ele respondeu... a senhora mesmo é racista com a senhora... eu tô falando que eu sou negra... morena é você ele ela... eu sou negra com muito orgulho e venho fazendo essa discussão sobre isso sobre o racismo... a questão da história... por que falar sobre cotas?... porque eles estão reparando um erro histórico né... pelos nossos antepassados... aí alguns alunos falam... eu não aceito cota... tem muito disso aí também... na sala dos professores o aluno mesmo negro fala... eu não quero saber de cota não... mas eu explico pra ele que cota é um meio de reparar um dano... um dano histórico né?... converso bastante com eles... vocês não estudaram isso em história?... costumo conversar bastante e orientar... principalmente as pessoas... ((inaudível))

E        em que momento da sua vida você percebeu a necessidade de refletir sobre as diferenças étnico-raciais nas relações de amizade e nas relações amorosas?

EGF     essa informação a gente vai construindo com a vivência o tempo... quando eu trabalhava na fábrica de calçados eu disse... eu não acredito que eu vou morrer trabalhando na fábrica de sapatos... tem que fazer alguma coisa tá entendendo?... porque se você já é negro marginalizado... vai ficar trabalhando lá para ganhar uma mixaria... isso me incomodava me incomodava demais... e aí?... que que eu fiz?... comecei a estudar... minha mãe me incentivava muito... não minha filha você tem que estudar... e aí eu com os estudos... a gente vai adquirindo...

E        no ensino médio?

EGF     não já na faculdade... porque no ensino médio não adquiri nada... antigamente que a gente estudava história... era questionário sobre as guerras... não havia aqueles debates não... não existia isso naquela época que eu estudei... terminei o ensino médio fundamental... e médio... terminei o médio em 91 e em 92/93 fui para faculdade... e com todas as informações que eu recebi eu fui criando maturidade tá entendendo?... fiz contabilidade e eu percebi sabe como se tudo isso que aconteceu comigo dessa ocorrência... daquilo lá... caso de eu não ser contratada... aquilo lá me incomodou... eu tenho que fazer uma coisa tenho que passar num concurso... e no começo eu queria ser policial queria ser policial... a minha mãe não queria porque minha mãe não aceitava você ser policial porque usava calça né?... vai usar calça que na religião não permite e era para fazer a prova em Araçatuba... ah então eu vou fazer uma faculdade... se eu não fazer nada a vida inteira vou estar sendo pisada por alguém... aí eu fui... daí com estudo eu fui adquirindo... a minha cabeça foi abrindo meus conhecimentos... fazendo leitura para ampliar... esse curso que eu tô fazendo ((especialização UEM)) eu tô aprendendo tanta coisa... aí então eu comecei adquirir maturidade... comecei a me aceitar... eu sou mais eu cê tá entendendo?... com isso não me senti mais suprimida... cabeça baixa não... eu fui fazer faculdade... lá na faculdade... na igreja não tem essas discussões... na congregação não tem não... tinha discussão em reunião de mocidade mas era muito longe... de cidadezinha do interior às vezes... às vezes não ia... tinha orientação sexual de parceria homossexualismo... mas a questão do racismo preconceito racial não

E        em sua opinião como a educação para as relações étnico-raciais pode ser abordada em sala de aula?

EGF     pode ser abordado a partir de um fato... de uma conversa de um aluno ou mesmo você chamar o aluno para uma discussão... eu penso que cabe muito a história... a história do negro história do índio... aprender sua história... ele ((aluno)) defende uma coisa sem ter argumento... por que que ele defende aquilo lá?... por que eles não aceitam a cota?... porque que às vezes algumas falas eu acho que não influencia... muitos alunos negros entendem aquilo... mas eles dão risada junto... ele se sente oprimido... mas não reage... uma porque eles não têm maturidade... não tá tendo orientação nem da escola e nem da família... minha família eu oriento minha filha



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



eu oriento... filha não deixe que ninguém te... você é negra você é filha de negra... teu pai é moreno a tua avó é negra... a tua família é de negros... eu converso muito com ela para não deixar ninguém... até fazer uma brincadeira... porque às vezes uns fazem brincadeira... você vai dar risada... não tem que dar risada... aí você sabia que isso aí tá errado?... é historicamente assim assim assado... você tem que ter argumento para combater isso aí... parar com isso aí na vida dos alunos... é uma falha muito grande

E na matemática daria para trabalhar essas questões?

EGF eu ganhei até um prêmio de tanto que eu converso com os meus alunos sobre essas coisas... eu ganhei um prêmio da receita federal eu tenho aí a plaquetinha... eu converso sobre tudo... sobre sexualidade homossexual racismo... aí fizeram uma pesquisa... qual o professor que mais conversa com os alunos sobre a vida deles... sobre o cotidiano?... eu ganhei um prêmio... aí eu converso bastante com eles... às vezes uma brecha... uma briguinha lá você entra... você tem oportunidade de fazer alguma coisa de estar orientando... aí eles escolheram eu... verdade... mas eu acho que a escola precisa trabalhar bastante trabalhar mais... principalmente com os alunos negros... porque eu penso que os alunos negros são atacados cotidianamente... mas só que eles entram nas pessoas dando risada sendo rebeldes entendeu?... aí falar... aquele menino lá... tem um preconceito de ser negro... e aí você é massacrado mais ainda tá entendendo?... por que se ele se rebelam contra uma coisa?... isso fica camuflado... então eu acho que tem que os professores trabalhar mais a questão... oh você não aceita essa brincadeira... eu não aceito nenhum tipo de brincadeira... eu não aceito esse tipo de brincadeira... se você fizer esse tipo de brincadeira comigo eu chamo meu pai a diretora tá entendendo?... tenta não se rebelar sendo violento bagunceiro... indisciplinado só para mostrar que tem alguma capacidade... é isso que acontece com ele na escola e aí muitos deles é até expulso tá entendendo?... porque... porque já é marginalizado... já tem um preconceito muito impregnado e mais uma vez ele é jogado... ele não reage contra aquilo lá ((discriminação)) por falta de conhecimento vergonha... então ele fica quieto... só que de outra maneira ele se rebela tá entendendo?... e ao se rebelar mais uma vez ele é jogado... a escola pública ela faz muito disso... eu vejo aqueles alunos coitadinhos... a gente trabalha com o aluno tudo cheio de espinha encaroçado senta lá no fundão... ele deita dorme aí você fica... um fala outro fala o professor fala e aí ele espirra... por que não chama esse aluno e diz... e aí como que é a sua vida?... você nasceu na onde?... quem é seu pai e sua mãe?... sabe?... a escola tinha que ter uma parte de assistência sei lá... a escola tem que ter um papel social... orientar tem que ter uma orientação porque os pais também não sabem orientar... chega em casa não conversa e fica aquele filho naquele mundo... vai para escola e mais uma vez massacrado... e vai repetindo a história... porque se eu não orientasse a Maria Luiza... eu hoje em dia meu Deus... não tenho complexo de ninguém me entende?... nem meus irmãos não têm complexo de nada

## MEMÓRIAS DO PROFESSOR HNC

Com o professor HNC, marcamos a entrevista às 9h30min. em sua residência. Chegando ao local, logo fomos convidados para nos dirigirmos à sala de seu apartamento, fizemos as apresentações e, da mesma forma que fizemos na entrevista anterior, apresentamos o objetivo da pesquisa e sua motivação. Posteriormente, lemos o termo de consentimento livre e esclarecido, na sequência ele aceitou fazer o relato, que teve a duração de 35 minutos.

E como eram as brincadeiras da infância entre meninos e meninas?



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



HNC eu acho que era normal... eu me relacionava... relacionava amigavelmente com todos... nós vivíamos misturados brincando na rua... meninos e meninas jogando beto jogando futebol... tínhamos amigos... tinha um amigo negro e gay só que ele não assumia que era gay... todo mundo sabia que ele era gay só que ele não assumia... e como eu perdi o contato depois eu perguntei para outros amigos... assim eles falaram que... que ele é gay sim e pronto

E tinha algum tipo de discriminação?

HNC tinha discriminação sempre né?... discriminação assim... porque vivia chamando o outro de macaco de negro feio gordo... dentuço baixinho discriminando por qualquer coisa... não tinha um filtro discriminava todo mundo... eu era discriminado pelo meu dente e discriminava os outros também... era uma bola de neve

E você já sentiu constrangido ou viu alguém constrangido?

HNC olha... negro constrangido não tinha muitos... tinha uma família de negros lá amigos negros... eu acho que esse amigo meu ele não se sentia constrangido não... levava na boa... eu mesmo fiquei constrangido com alguns bullying que eu sofri... que eu sofri... eu já fiquei constrangido não quero nem falar o que foi não vou contar

E você se identifica como branco?

HNC eu tenho dificuldade para me definir... não posso dizer que eu sou negro porque eu não sou... eu sou uma mistura de cor de raça... meu pai é meio escuro minha mãe é branca... tem gente da Itália tem gente não sei da onde... é uma mistura mesmo

E que tipo de educação você recebeu dos seus pais sobre a sua identidade?

HNC identidade de gênero?... eu não sei definir gênero... não sei se entendi direito... mas a gente brincava misturado sim... já brinquei de casinha... mas a menina era a mãe o menino era o pai... e a gente até aproveitava essas brincadeiras para...((risos)) passar a mão nos lugares que não devia... aproveitávamos a brincadeira sexualmente às vezes... não assim... nada exagerado... mas eu tinha uns 12 anos eu acho

E tinha brincadeira só de meninos?

HNC se tinha brincadeira que era só de menino?... olha... skate... futebol... as meninas jogavam beto as meninas jogavam vôlei... as meninas jogavam queimada... bandeirinhas meninos e meninas jogavam... tudo isso com o pessoal na rua... então no meu caso eu comecei a trabalhar bem cedo... com nove anos eu já trabalhava numa mercearia uma padaria... só podia brincar domingo depois das duas horas da tarde... trabalhava na padaria de segunda a segunda trabalhava muito... trabalhava muito... com nove dez onze doze anos eu tava trabalhando até os 14... e eu tava na padaria conciliando estudo com treino de *tae-kwon-do*... eu ia para escola... chegava em casa para almoçar ia para o serviço... ficava lá na padaria até umas três horas... pegava um ônibus ia para a academia treinava... isso na segunda quarta e sexta... sábado eu trabalhava praticamente o dia inteiro na padaria... então enquanto os meus amigos estavam soltando pipa eu estava na padaria... foi tenso... recebia salário recebi até bem... lembro na época que o salário era cento e vinte cento e cinquenta... eu ganhava duzentos ((reais))... isso com os 11 anos de idade... eu tenho que fazer as contas aqui... eu não lembro quantos anos eu tinha... mas era mais que o salário mínimo... gastava tudo na padaria também... no final do mês meu dinheiro ficava tudo lá

E essas brincadeiras permitiram que você se compreendesse com o gênero masculino?

HNC não eu acho que não é relevante porque eu nunca tive dúvida

E eu digo sobre o papel atribuído ao gênero masculino

HNC como eu morei sozinho quer dizer... a minha mãe morava sozinha porque meu pai abandonou a gente... eu tinha que fazer muito serviço que eu achava que era de mulher... achava que lavar a louça era coisa de mulher... mas eu tinha que fazer porque eu fazia ou eu fazia... na hora que eu chegava da escola lavava louça porque minha mãe obrigava... mas na minha cabeça



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



era coisa de mulher... até hoje seria o papel da mulher é meio machista né?... mas eu não consegui tirar isso de mim ainda... é um pensamento machista eu sei

E você recebeu alguma orientação sobre sexualidade?

HNC olha eu fui assim... como que eu posso dizer?... eu tive a minha primeira experiência sexual já tinha uns 16 anos não foi novo... mas eu sabia muito bem o que era sexo que desde... os 12 anos eu já sabia sim o que era... essa informação vinha da rua né... talvez uma vez ou outra na escola... a escola falava sobre gravidez as professoras falavam sobre sexualidade... sobre sexo na verdade né... não sei de sexualidade

E como é ou foi a convivência entre homens e mulheres... entre diferentes grupos étnicos na família e na sua atuação profissional?

HNC o relacionamento entre homens e mulheres?... bom... bom... a primeira experiência é de casa né... meu pai minha mãe viviam de porrada... na verdade o meu pai descia a porrada da minha mãe... então minha experiência de homem e mulher é isso... meu pai bêbado brigando... fora do ambiente familiar... meu vizinho... minha vizinha o marido dela morreu cedo... a vizinha do outro lado tinha um relacionamento estável com marido dela... era uma família mais concreta né... foi assim até uma boa referência para mim... acho que eles quiseram me adotar entre aspas... me dar uma nova dinâmica de vida... tentaram me levar para igreja... conviver um pouco mais com eles... era uma família mais estruturada né... assim... não faltava as coisas em casa... principalmente na época do Collor né... que foi difícil... eles tinham carro as filhas estudava em colégio particular... os dois tinham um bom casamento... então acho que isso ficou na minha cabeça

E percebeu alguma discriminação racial na sua atuação profissional?

HNC na minha atuação profissional?... discriminação?... não nunca vi... olha... eu acho que o professor nesse ponto ele é mais aberto... não tem discriminação de raça não... mas posso contar um negócio aqui?... que você não vai me prejudicar?... quando eu vou trabalhar numa escola que a diretora é uma mulher... eu já não me dou muito bem... já passei por uma escola que era diretora já teve um probleminha e eu não quis nem saber... eu pedi exoneração numa escola só porque era diretora... outra eu nem entrei só porque era diretora e depois no Lúcia... né?... eu não me dou bem não... se for mulher na direção... é uma espécie de machismo bobo... parece que eu não aceito eu não aceito os erros... parece que vindo de um homem eu aceito de uma mulher não... talvez os erros dos homens passem mais suaves

E você já fez uma reflexão sobre essas questões?

HNC olha... quanto a isso não gosto nem de tocar nesse assunto porque eu acho que não deveria ter diferença nenhuma... então só de tocar nesse assunto aí... tem diferença?... não tem?... eu acho que é querer ficar separando as coisas né? acho que não tinha que separar nada... esse assunto não deveria nem existir... na verdade a gente não deveria ficar debatendo debatendo debatendo... vai na televisão e debate vai na rádio vai na internet e tá todo mundo falando nisso aí... eu acho que isso causa um desgaste para quem está do outro lado né... no caso pessoa negra né... eu acho que fica desgastante para ela né... ficar falando nisso ficar falando nisso falando nisso... não precisa ser assim... melhor seria nem tocar no assunto... muito menos falar sobre isso... eu não tô falando que não se deve passar essa educação para frente... às vezes não preciso falar nada é só...

E você acha que isso se resolveria por si?

HNC não não... eu acho que não se resolve com esse... por exemplo... se tiver um negro aqui e a gente tocar nesse assunto sabe... eu acho ruim tocar nesse assunto eu não acho legal... eu acho que o negro pode ficar constrangido e se eu tiver perto e aí... eu vou me doer por ele... por exemplo... sempre esse negócio que você acabou de falar o negócio que fica na minha cabeça... puxa não dá para viver sem isso?... não dá para viver normal?... viver com uma pessoa... qual que é o problema dela?... eu não vejo problema nisso... se você nasceu no lugar africano por



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



exemplo... lá é o sol do cacete... não tem como ser branco lá não tem que ser negro... qual que é o problema né?... para mim a cor da pele graças a Deus não me interfere em nada não

E mas você não percebe que na sociedade isso é um problema?

HNC bom... eu percebo na sociedade é um problema... existe... mas no meio dos professores eu acho que é menos... nessas questões eles são mais abertos... tanto na questão de homossexual... eu não percebo racismo nas escolas... justamente por nunca me deparar com uma situação racista na escola entre os professores não... agora fora dos professores eu tenho amigos que são racistas são declarados... ah que o cara é preto não sei o quê... tem que morrer mesmo... coisa desse tipo... esse problema é meio que geral né?... agora... eu tenho contato com os meus amigos eles são terríveis fazem piadas... eles são brancos dos olhos azuis então...

E e se tiver um negro perto eles fazem?

HNC eles fazem... eu me sinto mal porque minha mulher é um pouco... ela se declara negra né?... eu fico até meio assim de ficar entre eles com ela

E ela se incomodaria?

HNC eu nem falo para ela ela nem sabe né... que eles são assim... se ela soubesse ia dar problema hein... mas se eu tivesse também perto... eles falassem alguma coisa eu não ia ficar lá também não ia dar problema

E por que é com sua esposa?

HNC porque é com minha esposa

E ia dar problema porque é com sua esposa... agora quando a questão é com outros você não se envolve

HNC eu me envolvo... já entrei em lutas em diálogos em debates para defender sim... gente que nem estava perto de mim... gente que tava na televisão e já... rapaz o cara tá lá qual que é o problema disso?... eu já entrei em debate por gente que não tava nem ali... já fiquei indignado com isso sim

E e sobre a sua primeira resposta... que você disse que a gente não deveria comentar sobre isso?

HNC é... ih... é principalmente se tiver um negro ali... a gente não deve comentar né... a gente não deve falar nesse assunto... o que eu digo o que eu disse e repito... na minha cabeça é assim... não deveria ter um momento da reflexão sobre o negro e o branco... isso não deveria existir... eu acho que no mundo ideal isso não deveria existir... isso é inaceitável né

E já no mundo real?

HNC eu já fiquei indignado... já discuti com algumas pessoas... não dou corda para isso... é uma situação bem difícil hein... bem complexa... é bem difícil ((silêncio))... ah um exemplo... o *Lewis Hamilton*... o Galvão Bueno ficou o ano inteiro falando que ele era o primeiro negro não sei lá o quê... qual que é o problema?... não deveria ter falado isso... qual que é o problema do cara ser negro e tá na fórmula 1?... tinha que ser uma coisa normal... não tinha que ficar falando... agora ele parou não sei porque... mas também já faz tanto tempo que o *Hamilton* tá lá... o *Tiger Woods*... qual que é o problema de ser um jogador de golfe negro?... ninguém tem que tocar nesse assunto acabou... ele é bem melhor do que os outros jogadores de golfe... qual que é o problema?

E em sua opinião... como a educação para as relações étnico-raciais pode ser abordada em sala de aula?

HNC na escola então... eu continuo com o mesmo argumento... não tem diferença... não deveria se trabalhar em sala de aula... principalmente se tiver um negro lá e aí?... ele pode se sentir constrangido... agora... se não tiver um negro eu acho que dá para falar



E e como seria?

HNC por exemplo... perguntar... não sei direito... perguntar nas claras... perguntar igual você tá me perguntando... qual sua opinião sobre isso?... aí você descobre se ele é racista... quando você pergunta... você sabe se o cara é racista ou não é... perguntar o que você acha de um negro ocupando um cargo de presidente?... ser campeão de fórmula 1?... na hora que você pergunta isso... você percebe se o cara é racista ou não... e aí dá para tentar falar argumentar tentar mudar a opinião da pessoa

E você já buscou se informar sobre essas questões?

HNC eu nunca tive informação sobre essas questões étnico-raciais... se eu li diretamente sobre isso?... não... totalmente ignorante nessas questões... não sei como se tratar com isso

E já pensou na escola como espaço de enfrentamento contra o racismo?

HNC acho bem complicado hein... é difícil hein... não sei... então... eu tenho certeza que não é cem por cento dos negros que querem tocar nesse assunto... tem muita gente que não quer... muita gente negra... tem negro que é contra cota e a favor da cota... sobre a cota eu tinha uma opinião... eu achava que ter cota era um preconceito... eu falava que não... que era preconceito... qual que é o problema do negro entrar na faculdade?... eu pensava assim... só que daí... uma vez... num barzinho... conversando com uma menina negra estudante de direito... ela falou que era favor... aí eu perguntei... por quê?... aí ela explicou e tal... que a gente precisa... depois conversando com outro professor no Lúcia... com o Flávio... ele me explicou que historicamente o negro era massacrado segregado... então precisa sim de uma inclusão de uma cota... mas é uma questão bem complicada né?... eu diria que hoje em dia está valendo a pena sim pelo menos por enquanto... é tipo igual uma ajuda financeira né... por um tempo... até o cara se estabilizar aí depois pode dar para parar

E cite um exemplo de como esse conteúdo pode ser inserido na práticas pedagógicas e na escola?

HNC não sei não faria isso... e eu não sei lidar com isso... não sei ficar comentando sobre isso sou professor de matemática... na matemática eu teria como... lógico que eu teria como trabalhar isso... só que eu não me sinto capaz para isso... por ignorância mesmo... não sei das respostas certas... eu só tenho a minha opinião sobre isso e ela não é suficiente... se eu tivesse um treinamento eu poderia trabalhar... mas não tenho nem ideia portanto não me sinto à vontade nem um pouco

E tem a lei nº 11.645... que desde 2008 inclui essas discussões no currículo

HNC eu nunca ouvi falar dessa lei... nenhuma coordenadora nenhum diretor nunca me falou sobre essa lei... na matemática daria para trabalhar um monte de coisa... daria para mostrar gráfico na cara de cada aluno... a segregação através de dados de dados reais... olha aqui... precisa de cota porque tem essa quantidade de negros que foi segregada... que foi separada... que foram deixados de lado em tal época... em tal ano... que só estudava branco... mostrando que o branco teve o privilégio né... só que isso é constrangedor... eu acho que em 2009 quando a lei essa lei foi feita... eu tava saindo da faculdade... era o último ano da faculdade... eu não fiquei sabendo de lei nenhuma... inclusive tivemos em estágio e não foi falado nada sobre isso... estudei na Universidade Federal... super difícil essa conversa aí né... o negócio é que eu não sei nada disso... cara sou burrão nisso... mas é isso tá beleza?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas entrevistas são reveladoras no que se refere à compreensão das dinâmicas das relações de poder, pois o que está em jogo é considerar o espaço escolar



como um lugar de disputa, uma vez que na escola circula inúmeras vertentes ideológicas e valores que tanto podem se opor à discriminação racial como reforçar o discurso do racismo.

Para esta análise, buscamos nas contribuições de Foucault (2004); (2015) as contribuições teóricas para compreender esse fenômeno, de modo a considerar a negritude em sua dimensão relacional, na qual estão implicados dispositivo de poder e resistência, ou seja, como se constituem as relações de poder, que, para efeito de ilustração, poderíamos nomeá-las como poder e contra poder.

Dessa perspectiva, o poder é definido, pelo autor, como um jogo de forças flexíveis, cujo exercício só é possível em condições de liberdade, pois a relação de poder ocorre entre sujeitos livres. Para o autor, o contrário, em situação de dominação, como em uma ditadura totalitária, não existe essa dinâmica, tendo em vista não ser possível ocorrer uma relação de forças se a resistência for sufocada. Foucault (2015) nos ensina também que nada é exterior ao poder, inclusive os discursos de resistências, considerando que, “[...] por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico de poder” (FOUCAULT, 2015, p. 104).

O estudioso afirma ainda que o poder está presente em todas as relações humanas, quaisquer que sejam elas, pois se trata de uma:

[...] Relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro. São, portanto, relações que se podem encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas; essas relações de poder são móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por toda [...]. Essas relações de poder são, portanto, móveis, reversíveis e instáveis (FOUCAULT, 2004, p. 276).

Quando indagado sobre as questões raciais em sala de aula, HNC defende que esse assunto não deveria ser debatido. Esse é um dos aspectos do poder que produz o silenciamento do processo histórico, impede a compreensão do fenômeno, contribui para a permanência do processo de exclusão e discriminação e definitivamente não é uma perspectiva transformadora. Em contraste, o posicionamento de EGF representa outra face do poder, rompendo com o silêncio.

[...] Buscar as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que algumas vezes tem a função de interditar), das produções de saber (as quais frequentemente),



fazem circular erros ou desconhecimentos sistemático (FOUCAULT, 2015, p. 18).

Sob essa perspectiva, as questões étnico-raciais, como relações de poder, evidenciam-se na fala de EGF, pois, acompanhando sua trajetória, é possível perceber como ela soube lidar com o racismo e tinha plena percepção da discriminação. Nesse sentido, ao se constituir como sujeito, foi se percebendo e se indignando com as injustiças, como no caso do emprego que perdeu.

A partir desse episódio, a entrevistada se empenhou em superar as barreiras que lhe atrapalhavam, apostando justamente em uma educação formal, escolar, indo ao encontro da canção que diz que ela definitivamente não tinha “[...] dom pra vítima” (RACIONAIS, 2002).

Assim, percebemos que a temática étnico-racial em sala de aula mostra-se como uma proposta fundamental. Quando HNC afirma que essa abordagem constrange o negro, está pensando sob uma perspectiva que posiciona o negro como vítima indefesa e não como protagonista de seu destino, uma luta a se travar. Entretanto, mesmo que as relações de poder não se reduzam à dimensão aqui apresentada, documentamos fragmentos importantes para compreendermos essa dinâmica de poder.

Parece-me que (se) deve compreender o poder, primeiro como multiplicidade de correlações de força e imanescentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte... O poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2015, p. 100-101).

Essa dimensão de resistência, apontada pelo autor, está presente em diferentes instituições da sociedade. É possível, por exemplo, perceber uma relação entre o relato de EGF e a própria trajetória do grupo de Rap Racionais Mcs. Ambos se situam no campo do enfrentamento, constituindo-se como força de resistência, produtora de enunciados discursivos e ilustrativa dessas relações, considerando que nosso objetivo é evidenciar a dimensão relacional de poder que envolve as questões étnico-raciais.

Assim, ao identificar o opressor, demarca-se um campo de luta, de resistência, em que o negro não é apenas vítima, mas guerreiro e protagonista ao fazer os enfrentamentos. Ao cantar: “hey, senhor de engenho, eu sei bem quem você é, sozinho



# V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024  
HÍBRIDO  
UNIPAMPA/RS-BRASIL



cê num guenta, sozinho cê num entra a pé” (RACIONAIS, 2002), o grupo em suas músicas se posiciona contra a opressão simbolizada pelo “senhor de engenho” e manifesta nos discursos racistas dos amigos de HNC, que só se sentem à vontade em discriminar negros frente à passividade de quem se recusa a promover em sala de aula uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, conforme prevê a lei n. 11.645/2008.

Pode-se depreender, inclusive, que dificilmente esses indivíduos se sentiriam tão livres para discriminar ao se depararem com um enfrentamento mais contundente, simbolicamente representado na passagem da música: “sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé”: justamente o que afirma a professora EGF.

Outro aspecto inerente à dinâmica das relações de poder é a inversão: “eu era carne, agora sou a própria navalha” (RACIONAIS, 2002). É justamente essa possibilidade que é colocada quando compreendemos o espaço escolar como um lugar de disputa, de relações de poder que podem tanto transformar como reproduzir a realidade das relações étnico-raciais.

Quando HNC é instigado a falar sobre racismo, indica as ofensas que considera como sendo discriminação, como chamar alguém de “dentuço”. Tomemos essa lista para início de análise: o que diferencia, no imaginário social, ser chamado de “dentuço” ou de “macaco”?

Quando ofendemos uma pessoa chamando-a de dentuça, não estamos reforçando nenhum preconceito ou discriminação, uma vez que ainda não há, em nossa literatura, qualquer registro que evidencie a discriminação de homens ou mulheres em função do tamanho de seus dentes. Contudo, em relação àqueles que são chamados de macaco, esse contexto se diferencia porque há uma ampla produção científica no Brasil que comprova e analisa profundamente o longo processo de discriminação vivido por homens e mulheres negras.

Assim, vale destacar que *bullying* não equivale à discriminação e a estereótipos físicos, como “dentuço, narigudo, orelhudo, magrelo, espinhento”. Normalmente, aquilo que é utilizado nessa prática não caracteriza e/ou se relaciona a casos históricos de discriminação em nossa sociedade, pelo ao contrário, ocorre em relação à identidade da pessoa negra. Desse modo, a escola e os professores tem um grande desafio e definitivamente não é o estudante de dentes grandes que senta no canto da sala.



O que nos importa é compreender que as discussões sobre discriminação e preconceito étnico-racial nas escolas são fruto de uma intensa disputa e, portanto, a instituição escolar é estruturada por meio das relações de poder, que ora enunciam a necessidade de abordar a temática ao longo do processo de escolarização da criança, ora afirmam que essa abordagem é constrangedora, como ilustram o discurso de nossos colaboradores/as.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A; BARBOSA, L. M. A. B.; SILVÉRIO, V. R. (Orgs). **Educação como prática da diferença**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

E.G.F. **Registro de memória com professores/as**. Maio, 2017. Campo Grande: UEMS. Entrevista concedida a LIMA, C. P.; PEZZI, F.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da costa e J. A. Guilhaon Albuquerque. 3ª ed, São Paulo, Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. Ditos e escritos V. In: MOTTA, M. B., (Org.). **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004, p. 264-287.

H.N.C. **Registro de memória com professores/as**. Maio, 2017. Campo Grande: UEMS. Entrevista concedida a LIMA, C. P.; PEZZI, F.

LACERDA, Léia Teixeira; CATANANTE, Bartolina Ramalho; LIMA, Cristiane Pereira. (Orgs.). **Diálogos sobre identidade étnico-racial, gênero e sexualidade: caminhos para a transformação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 99-119p. Disponível em: <<https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/dialogos-sobre-identidade-etnico-racial-genero-e-sexualidade-caminhos-para-a-transformacao/>> Acesso em: 30 jun. 2024.

Nada como um dia após outro dia. 6:53 minutos. **Negro Drama**. São Paulo: Unimar Music, 2002.